

CORPOS MONSTRUOSOS, GROTESCOS E QUEER EM SÉRIES AMERICANAS: ENSAIO SOBRE TEORIA QUEER E AUDIOVISUALIDADE

*CUERPOS MONSTRUOS, GROTESCOS Y QUEER EN LA SERIE AMERICANA: ENSAYO SOBRE
TEORÍA QUEER Y AUDIOVISUALIDAD*

Leonardo Magela Lopes Matoso¹

Resumo: a representação de gêneros, sexualidades e corpos não normativos tem sido uma constante em produções audiovisuais, especialmente em séries de televisão. No entanto, muitas vezes o espectador não estabelece uma conexão explícita entre essas representações e as discussões epistêmicas sobre identidade e diversidade, limitando a percepção dessas imagens a grupos dissidentes que se veem retratados sob uma ótica considerada, em alguns casos, como cômica ou “estranha”. Nesse contexto, as teorias Queer desempenham um papel fundamental, pois proporcionam um embasamento teórico necessário para entender as dinâmicas de representatividade em temas de grande relevância social. O objetivo deste ensaio é refletir sobre a importância das produções Queer na audiovisualidade estadunidense, explorando como essas produções contribuem para a visibilidade e representatividade de identidades marginalizadas. Para alcançar esse objetivo, foi desenvolvido um ensaio teórico e reflexivo, fundamentado nas ideias de Theodor Adorno (1985), a partir de uma análise narrativa da literatura existente. Foram utilizadas de obras de autores(as) como Steven Seidman (1996), David Halperin (2003), Itziar Ziga (2009), Richard Miskolci (2013), Judith Butler (2019), Jack Halberstam (2020), Nilton Milanez (2022), entre outros(as). A partir dessa revisão, foram identificadas representações Queer em diversas séries, como *I May Destroy You*, *Euphoria*, *Sex Education*, *Bob Esponja*, *Meninas Superpoderosas*, entre outras. Embora cada uma dessas produções apresente suas especificidades, todas compartilham a presença de personagens Queer, os quais, frequentemente, estão inseridos no contexto da Indústria Cultural. Essas produções funcionam como espaços de contestação e ruptura com as normas que instituem e legitimam determinadas identidades, enquanto marginalizam outras. Tal dinâmica permite uma reflexão crítica sobre os processos sociais que contribuem para a marginalização e discriminação de indivíduos não reconhecidos no campo social e midiático, fenômeno este que, por sua vez, é transposto para o universo da audiovisualidade.

Palavras-chave: teoria Queer; audiovisualidade; séries de televisão; liberdade.

Resumen: La representación de géneros, sexualidades y cuerpos no normativos ha sido una constante en las producciones audiovisuales, especialmente en las series de televisión. Sin embargo, a menudo el espectador no establece una conexión explícita entre estas representaciones y los debates epistémicos sobre identidad y diversidad, limitando la percepción de estas imágenes a grupos disidentes que se ven retratados desde una óptica que, en algunos casos, se considera como cômica o “extraña”. En este contexto, las teorías Queer juegan un papel fundamental, ya que proporcionan una base teórica necesaria para comprender las dinámicas de representatividad en temas de gran relevancia social. El objetivo de este ensayo es reflexionar sobre la importancia de las producciones Queer en la audiovisualidad estadounidense, explorando cómo estas producciones contribuyen a la visibilidad y representación de identidades marginadas. Para alcanzar este objetivo, se desarrolló un ensayo teórico y reflexivo, fundamentado en las ideas de Theodor Adorno (1985), a partir de un análisis narrativo de la literatura existente. Se utilizaron obras de autores y autoras como Steven Seidman (1996), David Halperin (2003), Itziar Ziga (2009), Richard Miskolci (2013), Judith Butler (2019), Jack Halberstam (2020), Nilton Milanez (2022), entre otros. A partir de esta revisión, se identificaron representaciones Queer en diversas series, como *I May Destroy You*, *Euphoria*, *Sex Education*, *Bob Esponja*, *Las Chicas Superpoderosas*, entre otras. Aunque cada una de estas producciones presenta sus especificidades, todas comparten la presencia de personajes Queer, los cuales, frecuentemente, están insertados en el contexto de la Industria Cultural. Estas producciones funcionan como espacios de contestación y ruptura con las normas que instituyen y legitiman determinadas identidades, mientras marginan otras. Tal dinámica permite una reflexión crítica sobre los procesos sociales que contribuyen a la marginación y discriminación de individuos no reconocidos en el ámbito social y mediático, fenómeno que, a su vez, se traslada al universo de la audiovisualidad.

Palabras clave: teoría Queer; audiovisualidad; series de televisión; libertad.

¹ Doutorando e Drag da Psicanálise, Psicolinguística, Enfermagem e Jornalismo. Bolsista da CAPES/CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa CORPOLÍTICA: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Política dos Corpos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

1 NOS MEANDROS DA QUEERGENERIDADE AUDIOVISUAL

A audiovisualidade sempre exerceu, e provavelmente continuará exercendo, o papel de um refúgio flexível e representativo para a comunidade LGBTQIAPN+², sendo um espaço de expressão *Queer*. Mesmo que, em muitos casos, ela apresente imperfeições devido às mudanças e inovações constantes nas produções, a experiência de se ver representado, camada por camada, numa tela de televisão ou dispositivo móvel, oferece uma vivência horizontal de afeto.

Esse afeto, que permeia as produções audiovisuais, desperta o anseio por pertencimento. O desejo de pertencimento, por sua vez, pode se manifestar de diferentes formas: de maneira vertical, através das relações familiares (como entre pais, avós, filhos, netos), ou de forma horizontal, por meio de relações afetivas mais amplas, como amizade, representatividade e amor. É precisamente nessa dinâmica afetiva horizontal que a emoção proporcionada pelas produções audiovisuais se revela.

Nesse contexto, o conceito de audiovisualidade surge como uma chave para entender como essas produções geram e transformam tais emoções. Ele se refere ao fenômeno dinâmico e multifacetado das manifestações audiovisuais que envolvem a interseção entre som e imagem, seja no cinema, na televisão, na internet ou em outras plataformas digitais. Esse termo vai além do conteúdo audiovisual em si, abrangendo também a forma como essas produções se atualizam e se transformam ao longo do tempo. Como propõe Da Silva (2007), a audiovisualidade é uma "virtualidade que se atualiza como audiovisual (cinema, vídeo, televisão, internet), mas permanece simultaneamente em devir" (Da Silva, 2007, p. 146), indicando sua fluidez e capacidade de refletir transformações culturais, tecnológicas e sociais, e, assim, moldar e ser moldada pelas experiências afetivas e identitárias que promovem.

Durante minha infância, fui imerso em diversas camadas e nuances de séries e filmes estadunidenses, cujas narrativas, hoje, posso reconhecer como experiências *Queer*. Produções como *Star Wars*, com as figuras do Mestre Yoda e Chewbacca; *Smallville*, ao apresentar Clark Kent como um ser extraterrestre que reflete a normatividade heterossexual; *Carrie – a Estranha*, ao abordar o bullying contra uma garota bissexual que vivencia a exclusão social; e até mesmo na animação *Meninas Superpoderosas*, com o vilão afeminado Ele, que é representado como uma figura demoníaca. Todas essas produções, entre tantas outras como *Seinfeld*, *Fera Radical* e *Caverna do Dragão*, engendraram invenções teóricas e estéticas que atravessaram o cinema e as produções audiovisuais com potenciais *Queer*.

De forma semelhante às produções mencionadas, e utilizando diferentes códigos discursivos, séries como *Euphoria* (HBO Max, 2019) e *Sex Education* (Netflix, 2019) emergem

² A Sigla LGBTQIAP+ refere-se, respectivamente, a identidade/expressão sexual dos grupos minoritários relacionados as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não Binários e outras dissidências que pertençam a esse sistema.

no cenário audiovisual global com uma abordagem inovadora sobre juventude, sexualidade e identidade. Durante suas primeiras temporadas, ambas as séries subvertem os códigos tradicionais da ficção adolescente, propondo uma perspectiva mais inclusiva sobre sexualidade do que a abordagem convencionalmente desenvolvida em produções desse gênero.

Na escola, cenário que passam ambas as séries e que é palco de descobertas, *bullying*, drogas e sexo, tem-se intrínseco discursos que reverberam o potencial educativo e elucidativo da audiovisualidade, ver-se a necessidade discursiva de trabalhar perspectivas *Queer*. A *queergeridade* se transfere da tela para realidade insurgente, uma vez que tais espaços são fundamentais na socialização e na construção de subjetividades, como afirma Gracia Trujillo (2015).

Ao analisar as representações da diversidade sexual, de gênero, raça e outras identidades, evidencia-se a importância de compreender os discursos que estão sendo transmitidos pela mídia, especialmente para o público jovem e vulnerável, que muitas vezes se vê refletido nas telas. Essas representações frequentemente revelam corpos não normativos, considerados "monstruosos" ou "grotescos" pela sociedade. A mídia tem sido um reflexo dessa estigmatização de identidades desviantes, como transgêneros, bissexuais, homossexuais, pessoas com deficiência, entre outros. Séries como *Euphoria*, com personagens como Jules Vaughn (transsexual), Rue Bennett (bissexual) e Kat Hernandez (Suicide Girl), ou *Sex Education*, com Eric Effiong (homossexual), e até produções menos explícitas como *Bob Esponja*³ e *Stranger Things*, exemplificam como tais personagens são retratados. Tradicionalmente, esses personagens eram considerados aberrantes, em oposição à "normalidade" heterossexual, como discutido por Harry M. Benshoff (1997), que argumenta que "o monstro está para a 'normalidade' assim como o homossexual está para a heterossexualidade".

Entretanto, como aponta Amara Moira (2020), a representação de personagens *Queer* nas produções televisivas tem se intensificado, refletindo um processo de reivindicação do espaço dessas identidades. O reconhecimento e a afirmação de identidades de gênero e orientação sexual não conformistas têm contribuído para o empoderamento de personagens que, antes marginalizados, agora desempenham papéis centrais e significativos. Tais narrativas permitem observar as dinâmicas de poder e as reconfigurações sociais que ocorrem quando essas identidades, atravessadas por outras dimensões identitárias como raça, classe e religião, são finalmente representadas.

Entretanto, ao contrário das representações que foram comuns na ficção televisiva *teen* antes de 2010, que tipicamente tratavam personagens LGBTQIAPN+ de forma estereotipada e marginal, as séries mais recentes têm apresentado personagens com maior

³ Apesar do criador da animação Stephen Hillenburg ter definido os personagens Bob Esponja e Patrick como assexuados, os personagens são encarados pelo público LGBTQIAPN+ como gays devidos uma série de episódios que ambos abordam sua atração um pelo outro. Reportagem completa por ser verificado no Portal Metrôpoles. Disponível em: <https://l1nk.dev/bp6eS>. Acessado em: 21 jan. 2025.

profundidade e relevância, criando uma conexão mais autêntica com a realidade *Queer*. Essas produções aproximam a experiência vivida pelos indivíduos *Queer* da audiência, destacando a importância da diversidade nas representações midiáticas.

Com base no exposto, realiza-se o seguinte questionamento, a saber: como as produções *Queer* na audiovisualidade estadunidense contribuem para a reconfiguração da representatividade das identidades dissidentes, e de que maneira essas representações afetam a percepção social e a construção de subjetividades dissidentes?

Este estudo se justifica pela crescente importância da representatividade *Queer* nas produções audiovisuais e pela necessidade de entender como essas representações influenciam a construção de subjetividades e identidades no contexto atual, especialmente em relação ao público adolescente, vulnerável a influências sociais e midiáticas. Neste sentido, o objetivo deste ensaio é refletir sobre a importância das produções *Queer* na audiovisualidade estadunidense, explorando como essas produções contribuem para a visibilidade e representatividade de identidades marginalizadas.

2 METODOLOGIA: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES QUEER NA AUDIOVISUALIDADE

Este estudo se baseia em uma pesquisa exploratória, qualitativa, do tipo ensaístico, fundamentado nos pressupostos de Theodor Adorno (1985). A pesquisa teve como objetivo central analisar e refletir sobre a representação de identidades *Queer* nas produções audiovisuais contemporâneas, com foco na contribuição dessas representações para a visibilidade e a representatividade de grupos marginalizados.

A metodologia envolveu uma revisão narrativa da literatura, que se deu por meio da coleta e análise de artigos científicos, livros e teses publicadas nos últimos 20 anos, nos idiomas português, inglês e espanhol. A seleção das obras foi guiada por seu enfoque nas representações *Queer* dentro do contexto da produção audiovisual, especialmente aquelas que abordam a influência dessas representações nas dinâmicas culturais e sociais. Foram priorizadas fontes que discutissem, de maneira crítica, as implicações sociais e políticas dessas representações e seu papel na construção de identidades e narrativas em mídias como séries de televisão e filmes.

A coleta dos dados foi realizada ao longo de três meses, período no qual foi feito um levantamento cuidadoso de materiais acadêmicos relevantes. A análise dessas fontes seguiu um processo de integração e diálogo com os conceitos-chave da teoria crítica de Adorno, que possibilitaram uma compreensão aprofundada das representações *Queer* quando cruzadas com autores como Judith Butler (2019) e Richard Miskolci (2013) como parte de um fenômeno mais amplo da Indústria Cultural. A revisão narrativa permitiu mapear a evolução das representações *Queer* no audiovisual, identificando padrões e rupturas, e

relacionando-os com as questões de marginalização e estigmatização de identidades não normativas.

A partir dessa revisão, algumas obras foram analisadas de acordo com sua contribuição para a visibilidade e a crítica às normas de gênero e sexualidade. A análise teórica procurou não apenas identificar as representações *Queer*, mas também refletir sobre o modo como estas produções desafiam ou reforçam as normas sociais estabelecidas. Ao longo do processo, buscou-se destacar como as produções audiovisuais funcionam como espaços de contestação cultural, ao mesmo tempo em que atuam dentro dos parâmetros impostos pela Indústria Cultural.

Desta maneira, a metodologia deste estudo procurou combinar uma abordagem teórica robusta com uma análise crítica das produções culturais contemporâneas, visando entender o impacto das representações *Queer* na construção de novas formas de visibilidade e identidade no campo da audiovisualidade.

3 REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS E QUEERIFICAÇÃO DA NARRATIVA AUDIOVISUAL

Este estudo parte da premissa de que as discussões sobre audiovisualidade estadunidense, aliadas à Teoria *Queer*, podem fornecer novos meios de pensar e experimentar a liberdade dos corpos que, tradicionalmente, são aprisionados pelas normas normativas de gênero e sexualidade. A normatividade, com sua rígida separação entre masculino e feminino, impõe um cárcere performático aos corpos, regulando as expressões de identidade e desejo. Nesse contexto, a Teoria *Queer* oferece uma poderosa ferramenta crítica para questionar e desafiar essa binariedade ultrapassada e suas imposições.

A partir da perspectiva de Itziar Ziga (2009), a Teoria *Queer*, apesar de ser, por vezes, contestada quanto à sua aplicabilidade em certos contextos acadêmicos, é reconhecida neste estudo como uma área legítima de investigação. Ela nos permite, de maneira esclarecedora, compreender os efeitos estruturais das normas de gênero sobre os corpos e as subjetividades. Em vez de simplesmente aceitar essas normas, a Teoria *Queer* se propõe a desestabilizá-las, mostrando como elas são construídas socialmente e como podem ser transformadas.

Richard Miskolci (2009) aponta que a Teoria *Queer* emergiu nos Estados Unidos, na década de 1980, como uma crítica radical às abordagens sociológicas tradicionais que tratavam das minorias sexuais e de gênero. Desenvolvida em departamentos não convencionais, como Filosofia e Crítica Literária, essa corrente teórica ganhou força principalmente através de conferências em universidades de prestígio, onde seu foco estava nas dinâmicas de sexualidade e desejo dentro das relações sociais. A crítica às ciências sociais e o estabelecimento de um diálogo com a teoria social contemporânea, como

exemplificado pelo livro *Queer Theory/Sociology*, ajudaram a solidificar a Teoria *Queer* como uma vertente crucial de análise das normas de gênero e sexualidade.

Ao considerar essas perspectivas, este estudo propõe um olhar atento sobre as representações de gênero e sexualidade nas produções audiovisuais, explorando como elas podem ser uma chave para entender as tensões e as potencialidades de um mundo além da normatividade binária.

O diálogo entre a Teoria *Queer* e a Sociologia foi marcado pelo estranhamento, mas também pela afinidade na compreensão da sexualidade como construção social e histórica. O estranhamento *Queer* com relação à teoria social derivava do fato de que, ao menos até a década de 1990, as ciências sociais tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade (Miskolci, 2013).

O pressuposto heterossexista⁴ do pensamento sociológico era patente até nas investigações sobre sexualidades não-hegemônicas. A despeito de suas boas intenções, os estudos sobre minorias sexuais, quando desvinculados de uma crítica ao binarismo de gênero, terminavam por manter e naturalizar a norma heterossexual.

Miskolci (2013) advoga que é complexo traçar o exato nascimento da Teoria *Queer*. Um conjunto de autores, obras, pensamentos e movimentos compõem sua origem. Porém, o fato é que no final dos anos 1980 e início de 1990, a teoria estava em pauta, com autores como Judith Butler (2019), que trouxe à luz da discussão teórica a ideia de gênero como uma performance, parte das normas estruturantes sobre os corpos, questionando as normas e padrões e estabelecendo um crivo desafiador que suscitava o rompimento com a fixidez do binarismo de gênero.

Desde então, a Teoria *Queer* tem sido especialmente influente em estudos literários e na Teoria Feminista, apesar da linha entre ambas serem tênue. Outros autores voltados às análises raciais e pós-coloniais, etnográficas, dentre outros campos, utilizaram-se de ferramentas conceituais provindas da Teoria *Queer*, como pontua Brent Pickett (2015).

Nesse aspecto, a Teoria *Queer* busca abarcar o pressuposto de que as dissidências sexuais são múltiplas e transcendem os corpos, nas várias expressões de pessoas que se identificam como homens, mulheres, não cis gêneros e não binários, não englobando todos apenas em “gays” ou “lésbicas” e reconhecendo que dentro desses grupos há diversos subgrupos, bem como inclui outros grupos que não se encaixam apenas na identificação de sua orientação sexual.

O termo *Queer*, é uma afirmação política de algo que outrora era utilizado como xingamento, busca superar as barreiras impostas por termos binaristas, que definem identidades fixas para cada indivíduo. Não se refere a uma essência, sexual ou biológica. Em

⁴ Para Judith Butler (2019) o termo heterossexista refere-se a um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que valorizam e promovem a heterossexualidade como a única forma legítima de orientação sexual, enquanto marginaliza, discrimina ou desconsidera outras orientações sexuais, como a homossexualidade, bissexualidade, entre outras. O heterossexismo está intimamente relacionado ao conceito de heteronormatividade, que é a ideia de que a heterossexualidade é a norma ou padrão social, e todas as outras formas de sexualidade são vistas como desvio ou anomalia.

vez disso, é relacional, um termo indefinido que recebe sua interpretação por ser fora da norma, independentemente de como a norma possa ser definida (Pickett, 2015). *Queer* pode ser aquele movimento que está em desacordo com o normal, o legítimo, o dominante. Não há nada em particular ao que ele necessariamente se refira. É uma identidade que não reporta a uma essência.

Nas palavras do sociólogo Steven Seidman (1996), o *Queer* seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (Seidman, 1996, p. 13).

Reflete-se ainda que o *Queer* não marginaliza aqueles que estão fora da norma gay ou lésbica, justamente por não possuir fixidez. Conceitos de sexualidade são poupados, dando mais espaço para indivíduos realizarem sua própria identificação com base naquilo que querem enaltecer, como pessoas transgênero (não necessariamente homossexuais). Como há uma tendência no senso comum de estabelecer um determinismo essencialista à identidade e movê-la de seu aspecto histórico, a Teoria *Queer* baseia-se justamente nas ideias do pós-estruturalismo, que procura construir a noção de que identidade é algo mutável ao longo do tempo, e, portanto, não essencial.

Nesse aspecto, os Teóricos *Queer* compreendem a sexualidade como um dispositivo histórico do poder. Logo, um dispositivo é um conjunto heterogêneo de discursos e práticas sociais, uma verdadeira rede que se estabelece entre elementos tão diversos como a literatura, enunciados científicos, instituições e proposições morais.

Oriundos predominantemente dos Estudos Culturais, os Teóricos *Queer* deram bastante atenção à análise discursiva de obras fílmicas, artísticas e midiáticas em geral, como os do próprio pesquisador Jack Halberstam (2020), Miskolci (2013), Teresa De Lauretis (2007), Guacira Lopes Louro (2004) e Michelle Aaron (2004). Para Louro (2004):

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (Louro, 2004, p. 8).

Semelhante a ideia de Louro (2004), Halberstam (2020) vê a experiência *Queer* como “associada ao falhar, ao perder, ao esquecer, ao desfazer, mas longe de uma mera negação ou desconstrução; trata-se de um estilo de vida” (Halberstam, 2020, p. 15). Logo, o fracasso

remete a uma ética para aqueles que não “optaram” pelo sucesso ou não conseguem estar no lugar dos bem-sucedidos, no centro do poder. Por isso, a dissidência subalterna é sempre *Queer* e ocupa, na centralidade de várias séries, personagens que fracassam⁵.

Já Aaron (2004) pontua que o termo *Queer* pode descrever produtos culturais, estratégias políticas e intervenções críticas. E que no campo da audiovisualidade, tem-se cada vez mais o *New Queer* cinema, um movimento da sétima arte impulsionado nos Estados Unidos depois da epidemia do HIV/AIDS, por volta da década de 80. Onde os filmes *Queer* passaram a ser produtos culturais e artísticos que suscitam intervenções críticas através de estratégias políticas e estéticas que vão de encontro às normatividades de sexo, gênero, raça e classe.

O fenômeno da audiovisualidade, tal como o experimentamos por meio das diversas formas que o atravessam, é resultado das hibridações que ressignificam não apenas os pensamentos, mas também a subjetividade e a maneira como esses materiais são produzidos. Essas hibridações são elementos fundamentais no contexto tecnológico atual, onde a linguagem audiovisual se firma e, muitas vezes, é reafirmada. De acordo com Alberto Abruzzese (2006), a audiovisualidade envolve a transposição de diferentes formas de comunicação – textos, imagens, sons, vídeos – que, ao serem misturadas, criam uma experiência imersiva que ultrapassa a simples interação entre o espectador e o produto. Trata-se de uma relação cúmplice que expande a maneira de habitar e experienciar os materiais consumidos, desafiando o limite entre realidade e ficção, espectador e objeto de consumo.

A partir dessa perspectiva, este estudo reflete e explora também a relação multifacetada entre o sujeito e a máquina de produção audiovisual, observando como a Teoria *Queer* pode lançar luz sobre a maneira como as identidades e os corpos são representados e ressignificados. O objetivo é entender como as narrativas audiovisuais, ao invadir as fronteiras entre o real e o virtual, aproximam o espectador de questões de identidade que, ao mesmo tempo, dialogam com a ficção e a realidade. Em uma análise mais profunda, como sugere Nilton Milanez (2022, p. 18-19), a experiência de consumir conteúdo audiovisual é, muitas vezes, um encontro consigo mesmo. A televisão, por exemplo, proporciona uma experiência estética e libertadora, oferecendo ao espectador a chance de se ver refletido na tela, realizando um movimento de deslocamento tanto de si quanto sobre si.

No que se refere à audiovisualidade e suas representações, em séries como *Euphoria*, é possível observar a performatividade das masculinidades tóxicas, que vão além das discussões sobre identidade *Queer*. A série oferece uma leitura de gênero e sexualidade que

⁵Personagens como Blanca Rodrigues que é uma mulher transexual na série *Pose* e que sofre humilhação, agressão e uma série de violências psicológicas; Kate de *This Is Us* que tem obesidade mórbida e é excluída por todos; Arabella Essiede de *I May Destroy You*, mulher negra e fora do padrão, que foi violentada sexualmente e que tenta descobrir o que aconteceu consigo mesmo; essas e tantas outras personagens ilustram a audiovisualidade e os pressupostos *Queer*, ao tentarem por meio do fracasso, se reinventarem.

se aproxima de questões sociais mais amplas, ao exibir as complexas dinâmicas de gênero e poder. O corpo masculino, em particular, surge em *Euphoria* não apenas como uma representação de masculinidade, mas como uma performance que está atrelada às construções sociais de gênero. A série, por meio de seus personagens, expõe como as normas de gênero, baseadas em ideais de fixidez e binarismo, moldam a identidade de seus protagonistas. A tensão nas relações entre masculinidade e vulnerabilidade, como exemplificado nas personagens de Nate Jacobs e Cal Jacobs, evidencia como esses corpos performam papéis rigidamente definidos pela sociedade, e como a luta pela afirmação da masculinidade se entrelaça com questões de poder, violência e controle.

Esse tipo de performance, ou seja, a ação de representar uma identidade de gênero imposta socialmente, é central na trama de *Euphoria*. As cenas que envolvem, por exemplo, o confronto de Nate com sua identidade fragilizada ou o comportamento de Tyler, que busca afirmar sua virilidade através de atos agressivos e dominantes, evidenciam a forma como a série articula a ideia de masculinidade como uma construção social insustentável, que está em constante crise e demanda uma reinterpretação. Essas performances, ao questionarem as normas heteronormativas, revelam a vulnerabilidade do corpo masculino e as expectativas irrealistas que a sociedade coloca sobre ele. Dessa maneira, a série não apenas dramatiza as relações entre as identidades *Queer*, mas também expõe as máscaras de poder e controle associadas às performances de gênero dominantes.

Além de Butler (2019), Miskolci (2013) oferece uma ampliação das ideias de performatividade no campo da mídia, enfatizando como a representação de identidades *Queer* em produções audiovisuais não apenas reflete, mas também reinventa as normas sociais. Miskolci nos ajuda a compreender como a mídia atua como um espaço de contestação das normas de gênero e sexualidade, e como essas representações podem tanto reforçar quanto subverter as dinâmicas sociais. A análise de *Euphoria* e *Sex Education* revela, portanto, como essas produções audiovisuais oferecem um campo de resistência, onde personagens *Queer* se tornam símbolos de uma subversão à heteronormatividade. A subversão das normas sociais é particularmente evidente nas narrativas de Jules e Eric, que, ao se desafiarem nas suas trajetórias pessoais, não apenas expõem as limitações das normas de gênero e sexualidade, mas também oferecem alternativas para o reconhecimento e a aceitação da diversidade.

Halberstam (2020) também contribui para esse entendimento, ao discutir como as representações *Queer* podem ser formas de resistência às normas tradicionais. Para Halberstam, a visibilidade das identidades *Queer*, embora muitas vezes marginalizada ou estigmatizada, também pode ser um espaço de reivindicação e de reconfiguração das identidades. As séries como *Euphoria* e *Sex Education* funcionam como exemplares de uma resistência visível, onde personagens como Jules e Eric quebram barreiras e desafiam estereótipos estabelecidos. Halberstam (2020) destaca ainda que a subversão das normas

não ocorre de forma isolada, mas como parte de um movimento coletivo de contestação, o que é claramente observado nas dinâmicas sociais e interações dos personagens dentro de ambas as séries.

Um outro exemplo de audiovisualidade é a série *Special* (Netflix, 2019-2021), onde acompanhamos o personagem Ryan Hayes, um jovem gay com uma leve paralisia cerebral, tentando adequar-se à vida social, mesmo se sentindo um fracasso diante da comunidade LGBTQIAPN+. Outro exemplo significativo é a Princesa Jujuba, de *A Hora da Aventura* (Cartoon Network, 2010-2018), que se descobre apaixonada pela amiga Marceline e precisa lidar com isso, protagonizando, assim, o primeiro beijo lésbico em animações. Essas representações, apesar de abordarem questões distintas, exemplificam como a mídia audiovisual se tornou um veículo de expressões e descobertas de identidades que até pouco tempo atrás estavam marginalizadas ou invisibilizadas.

Nesse sentido, pode-se dizer que as audiovisualidades engendradas, como essas, criam novos modos de interação humana, promovendo uma reorganização sócio-tecnodiscursiva das culturas, conforme apontado por Marcelo Salcedo Gomes (2012), que define esse fenômeno como um processo que altera de maneira contundente as formas de interação social. Essas mudanças nas representações de identidade, gênero e sexualidade nas produções audiovisuais não apenas refletem, mas também influenciam a forma como nos relacionamos uns com os outros e como compreendemos nossa posição dentro de diferentes grupos sociais. As produções audiovisuais tornam-se, assim, elementos-chave na redefinição da cultura contemporânea, ao quebrar barreiras de estigma e abrir novos espaços de diálogo e visibilidade para grupos antes excluídos.

É a existência de uma ecologia comunicacional, onde as mediações entre os campos sociais e midiático passam a constituir modos de existência própria. É nesse ponto que a audiovisualidade *Queer* se encontra, tornando a realidade cada vez mais inteligível via processos midiáticos dinâmicos dentro da própria rede comunicacional (Gomes, 2012, p. 199).

A ideia de audiovisualidades remete às práticas contemporâneas de assistir, realizar, baixar, armazenar, mixar, comentar, deletar e/ou compartilhar audiovisuais, criando, com essas operações, memórias, histórias, conhecimentos, sentidos e subjetividades que embaralham regimes de verdade, conformam realidades e que, ao invés de apostar em uma argumentação racional, buscam tocar o que é sensível, o emocional.

Destarte, as narrativas do presente são tecidas em redes pelas/audiovisualidades. Trata-se de pensar o audiovisual em sua processualidade e devir, ou, como sugere Suzana Kilpp (2010), como virtualidades que se atualizam, mas, simultaneamente, permanecem em potência, cuja premissa primordial é oferecer àqueles que consomem a possibilidade de se libertar.

O percurso deste artigo – ao articular as teorias *Queer* a audiovisualidade de séries estadunidenses, corriqueiramente vistas como produtos de alta audiência pela Indústria Cultural, na perspectiva de Theodor Adorno (1954) – nos permitiu reconhecer fundamentalmente pontos que nos parecem relevantes para os estudos da Teoria *Queer* e audiovisualidade no campo da comunicação.

O primeiro deles é indicar que existe uma abrangência de produções com personagens *Queer*, mas que, no entanto, boa parte dessas produções não tem esses personagens como os principais da trama. Quase todos que foram discutidos aqui, com exceção de *I May Destroy You* e *Euphoria*, são secundários e ocupam pouco espaço na tela. Isso quando não são postos como vilões ou antagônicos ao protagonismo da série. O problema das dissidências *Queer* – muitas vezes tematizado no campo das sexualidades – tem uma importância ético-política que o transcende e isso precisa ser melhor explorado na audiovisualidade.

Um outro ponto – derivado do primeiro – refere-se à desconstrução dos sentidos hegemônicos produzidos acerca de determinadas obras. Hegemonicamente *Euphoria*, *Sex Education*, *Smallville*, *Meninas Superpoderosas*, *Bob Esponja* e etc., são pensadas desde a perspectiva da crítica ao modo de vida norte-americano. Aqui, sem negar as implicações fundamentais para a cultura que a crítica referida sugere, foi possível perceber o modo como clandestinamente os agenciamentos (*Queer*) produzidos pelas dissidências são capazes de desestabilizar os sentidos da audiovisualidade ao entregar personagens únicos que incomoda, encanta, fracassa, vencem, legítima e liberta.

Diante do exposto, verifica-se a importância da audiovisualidade na representação de corpos *Queer*, uma vez que a exposição desses personagens do ponto de vista da televisão, como aponta Arlindo Machado (2000), revela como a televisão desempenha um papel essencial nas representações da sociedade. Além disso, defende-se ainda que a televisão tem parte importante na formação da identidade do indivíduo, já que os espectadores possuem certa fascinação pelas séries e desenvolvem comportamentos parecidos.

Logo, acredita-se que as discussões no campo da Teoria *Queer* e das afetações audiovisual podem ressignificar valores, crenças, produzir sentidos e libertar corpos que se veem sendo representados na audiovisualidade como sendo corpos passíveis de pertencimento, de voz e de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As produções audiovisuais desempenham um papel fundamental na visibilidade e na formação das subjetividades, especialmente para as comunidades marginalizadas, como a LGBTQIAPN+. Elas não apenas fornecem uma plataforma para a representação dessas identidades, mas também possibilitam uma experiência sensorial e afetiva que ultrapassa as barreiras do simples entretenimento. Nesse contexto, a audiovisualidade se apresenta como

um fenômeno dinâmico e fluido, capaz de ressignificar os pensamentos e subjetividades à medida que se entrelaçam com novas formas de expressão cultural e social.

Ao longo deste estudo, ficou evidente como a Teoria *Queer*, ao ser aplicada à análise de produções audiovisuais estadunidenses, revela a complexidade das representações de identidade e sexualidade que desafiam as normas binárias e heteronormativas. Séries como *Euphoria* e *Sex Education* ilustram como as narrativas contemporâneas podem desconstruir as formas tradicionais de representação, oferecendo uma perspectiva mais inclusiva e complexa sobre as experiências de jovens em relação à sexualidade e identidade de gênero. Essas produções abordam questões profundas de pertencimento, inclusão e autoidentificação, transformando a televisão em um espaço de reflexão e de questionamento dos padrões sociais.

Entretanto, o estudo também aponta a limitação ainda presente em muitas produções audiovisuais, onde personagens LGBTQIAPN+ frequentemente ocupam papéis secundários, marginalizados ou estereotipados. Embora a presença desses personagens tenha aumentado nas últimas décadas, sua representação continua muitas vezes subalterna, o que restringe o potencial de transformação que a audiovisualidade poderia proporcionar. A representatividade de identidades dissidentes, portanto, precisa ser explorada de maneira mais ampla e profunda, para que a televisão e outras mídias se tornem, de fato, espaços de empoderamento e visibilidade plena.

A crítica às narrativas dominantes e a desconstrução das percepções convencionais sobre gênero e sexualidade são passos essenciais para uma mudança na maneira como a sociedade vê e se relaciona com a diversidade. Ao integrar os conceitos da Teoria *Queer* às produções audiovisuais, podemos compreender como essas representações, ao refletirem e moldarem a realidade, também oferecem aos indivíduos a possibilidade de se verem, se identificarem e se libertarem das imposições normativas que muitas vezes limitam suas existências.

Em última análise, a audiovisualidade tem o potencial de transformar e expandir as fronteiras das identidades, fornecendo uma plataforma para que indivíduos marginalizados possam reivindicar seus espaços, suas histórias e suas subjetividades. As produções audiovisuais, ao explorarem a complexidade das identidades *Queer*, não apenas desafiam as normas de gênero e sexualidade, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais inclusiva, diversa e libertária. Portanto, é fundamental que continuemos a refletir sobre o papel da mídia na construção de identidades e subjetividades, promovendo uma representação que transcenda as fronteiras do binarismo e permita que todas as formas de ser e de viver sejam reconhecidas e respeitadas.

REFERÊNCIAS

- ABRUZZESE, Alberto. **O esplendor da TV: origens e destino da linguagem audiovisual**. Studio Nobel, 2006.
- Adorno, Theodor W. **Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada**. Tradução de Sérgio Soares. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- ADORNO, Theodor W. Television and the Mass Culture Patterns. *Quarterly of Film, Radio and Television*. **University of California Press**, v. 8, 1954.
- AARON, Michele. **New Queer Cinema: a critical reader**. Paperback, 2004.
- BENSHOFF, Harry M. **Monsters in the Closet: Homosexuality and the Horror Film**, Manchester: Manchester University Press, 1997.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 17a Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- DA SILVA, Alexandre Rocha. Semiótica e audiovisualidades: ensaio sobre a natureza do fenômeno audiovisual. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 9, n. 3, p. 145-154, 2007.
- DE LAURETIS, Teresa. **A Théorie queer et cultures populaires**. de Foucault à Cronenberg. Paris: La Dispute, 2007.
- GOMES, Marcelo Salcedo. **Imagens midiáticas: comunicando a si mesmas**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: CEPE, 2020.
- HALPERIN, David M. The Normalization of Queer Theory. **Journal of Homosexuality**, vol.45:2-4, p. 339-343, London: Routledge, 2003.
- INGRAM, Katherine M; *et al.*. Longitudinal associations between features of toxic masculinity and bystander willingness to intervene in bullying among middle school boys. **Journal of School Psychology**, v. 77, p. 139-151, 2019.
- KILPP, Suzana. Imagens conectivas da cultura. *In*: KILPP, S; SILVA, A. R; ROSÁRIO, N. M. (Ed.). **Audiovisualidades da cultura**. Porto Alegre: Entremeios, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo (SP): Editora Senac, 2000.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2ª ed. rev. e ampl; 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. (Série Cadernos da Diversidade, 6)
- MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia. Desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, Porto Alegre, jan./jun. 2009, p. 150-182
- MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades em mim: autoanálise foucaultiana sobre homossexualidade infantil e corpo na ditadura**. Salvador, BA: Labedisco, 2022.
- MOIRA, Amara. "Monstruoso corpo de delito" (personagens trans na literatura brasileira). *In*: **Tem saída? Perspectivas LGBTI+ sobre o Brasil**. Editora ZOUK, 2020.

PICKETT, Brent. **Homosexuality**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2015.

PORTER, Rick. **Euphoria Renewed for Season 3 at HBO**. The Hollywood Reporter, 2022. Disponível: <https://www.hollywoodreporter.com/tv/tv-news/hbo-renews-euphoria-season-3-1235087262/>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SEIDMAN, Steven. **Beyond the Closet: the transformation of gay and lesbian life**. New York: Routledge, 2002.

TRUJILLO, Gracia. Pensar desde otro lugar, pensar lo impensable: hacia una pedagogía queer. **Educação e pesquisa**, v. 41, n. 11, p. 1527-1540, 2015.

ZIGA, Itziar. **Devenir Perra**. Barcelona: Editorial Melusina, 2009.

Recebido em: 21/10/2024

Aceito em: 23/01/2025